

OS ESTÁGIOS DO EXISTENCIALISMO DE KIERKEGAARD

ESTÉTICO, ÉTICO E RELIGIOSO SALTO DE FÉ E RUPTURA DE DESESPERO

Karla Cristina Cerqueira¹

Resumo: *Comunicar as leituras dos textos de Kierkegaard possibilitando a percepção da significativa interpretação que o autor faz da existência humana por meio sistematizado nos estágios; estético, ético e religioso, contudo considerando a forma estética valorizada pelo autor, bem como o autor pretende conduzir seus leitores à um salto de consciência com o propósito de romper com a vida estética, exterior e comungar com a finalidade sagrada da existência.*

Palavras-chave: *Kierkegaard; Existência; Estágio; Estético; Ético; Religioso.*

*“A questão do indivíduo é decisiva entre todas”
(KIERKEGAARD, 1986b, p.105)*

1. SOBRE O AUTOR

Dinamarquês, viveu de 1813 a 1855 de família próspera, tão extensa quanto intensa formação religiosa luterana, escritor produtivo e polêmico que se preocupou com a moral e com uma possível reforma da igreja, na maturidade optou pela vida simples e solitária rompendo até mesmo com seu noivado, isto por acreditar que através do silêncio e da vida retirada que é possível ao ser humano ser guiado a conscientização sacra, consequência de se atingir a singularidade.

Kierkegaard *avant la lettre* traz à luz da consciência humana a filosofia da existência, suas teorias viriam a inspirar outros autores notórios como; Sartre, Heidegger, Bérson. No início se ocupava mais de opor-se ao racionalismo absoluto e ao sistema hegeliano, mais tarde se coloca a criticar a igreja e os religiosos de seu tempo por acreditar que o cristianismo declarado à época estava equivocado pela forma estética e exterior de vivenciar a realidade e doutrinar.

Mais tarde um pouco e após ser submetido a críticas severas e até mesmo zombarias públicas encontra uma nova forma de ser ouvido, ou melhor dizendo, lido. Sintetiza suas teóricas em três estágios possíveis de se viver. A teoria dos estágios de maneira perspicaz abarca seu posicionamento em relação às suas preocupações anteriores e devolve à filosofia reflexões abandonadas com: a da relação do indivíduo com o mundo e consigo mesmo. A

¹ Servidora do Estado com atuação na educação, graduanda do 8º período em filosofia pela PUC Minas, participa e organiza eventos e material didático pedagógico cujo eixo é a discussão sobre as relações Educação das Relações Étnico-Raciais. E-mail: karla.cerqueira@educacao.mg.gov.br

biografia do autor demonstra ter vivido ele mesmo uma triplicidade de momentos extremos de angustia até chegar a serenidade e a fortaleza de sua fé.

O primeiro desespero irrompe ao descobrir que seu próprio pai não praticou a moralidade que apregoava, o segundo em aderir ao hedonismo e obter cada vez mais vazio existencial. E por último a frustração de ser satirizado publicamente e ter seus escritos e pensamento atacados constantemente pelo jornal semanário de grande circulação na Dinamarca, 'O Corsário'.

Porém estes acontecimentos infelizes que lhe conferiram bastante desespero foram fundamentais para que Kierkegaard esmerasse uma estratégia para continuar a fazer chegar às mentes das pessoas suas digressões mais essenciais distribuídas em de suas obras: reflexões sobre a ética e a religião, o estratagem de Kierkegaard consiste em discursar indiretamente apropriando e fazendo da pseudonímia e da ironia mais que um estilo, um instrumento. Neste sentido o pensador provocando um desvio da doutrinação da razão absoluta.

2. CONTEXTO E ATMOSFERA

O racionalismo impresso por Descartes e Hegel em expansão na Europa provoca o abandono das reflexões de si mesmos, do humano dando ênfase a verdades universais deixando lacunas já que para o pensador dinamarquês a lógica conceitual não dá conta de conhecer as verdades subjetivas, não alcançam o sujeito da relação existência e propósito. A exteriorização da existência em detrimento das reflexões interiores que residem na subjetividade, impossibilita o encontro com o sentido primordial de existir; ou seja, encontro com o absoluto que é Deus, assim como é contextual que a instituição luterana preferia os mesmos alicerces da sociedade do momento prezando pela aparência, status e luxo submetendo a fé ao abalo e corroborando para a dissociação teleológica da moralidade ignorando os preceitos postulados por Cristo.

3. A IRONIA DA COMUNICAÇÃO INDIRETA

Sua forma literária é de uma beleza sedutora e de uma complexidade perturbadora, em epístolas nos fala na voz de seus personagens ou pseudônimos, eles é quem revelam ao leitor o posicionamento do filósofo; sua situação do leitor perante a existência também é desvelada. De certo o ato de ler requer inferências, isto é, produzimos relações entre o conhecimento que já temos com o conhecimento acessado no momento da leitura, analogamente as obras de Kierkegaard o leitor pode acessar reflexões sobre si mesmo e o sentido daquilo que vem fazendo, como vem agindo e o que vem realizando, se suas ações estão sendo direcionadas a sua liberdade ou se ao contrário estão apegados a manutenção da angustia, neste sentido Kierkegaard eleva o sujeito ficcional a cima de si mesmo.

Então, na exegese da obra de Søren Kierkegaard a ironia, utilizar da voz pseudômica dada por seus personagens para conduzir o leitor a conclusões que pretendeu, sem ter que

os sufocar com discursos lógicos especulativos, conseguindo com que o leitor não oponha resistência, não cria abarreiras deixando com que Kierkegaard conclua a comunicação afetando e possibilitando que o indivíduo sintetize suas reflexões em conclusões que voguem a moral e a fé.

Neste sentido devemos aludir aos principais pseudônimos que lhes conferem o brado a sua dura crítica da cultura massificam-te e superficial da Copenhague do século XIX. Sejam eles: Johannes de Silentio, o esteta sedutor do estágio estético, no estágio ético dialogamos com Guilherme que é protetor/defensor das leis dos homens e se encontra mais próximo do estágio religioso é consagrado por Abraão, o homem de fé que se vê no dilema paradoxal de sacrificar um filho ou negar cumprir o mandamento de Deus, do conflito de escolher cometer um infanticídio ou um deicídio Abraão se vê em desespero e diante do absurdo.

A comunicação indireta está atrelada ao conceito de subjetividade e se opõe a linguagem direta disseminada pelo pensamento filosófico da época e vai além da preocupação com a recepção de suas ideias pelo leitor, diz respeito a questionar o sistema filosófico de Hegel em torno da verdade. Há ironia ainda em iniciar a teoria dos estágios com o esteta Johannes que tem a missão de falar aos leitores do mesmo lugar no qual se encontram; seduzindo-os com o romantismo, seu modo de vida e sua intelectualidade, mas as personagens trazem sempre entre linhas os relatos de angustia derivada de sua vida hedonista.

[...] não há nos livros de pseudônimos uma simples palavra que seja minha. Eu não tenho nenhuma opinião sobre sua significação exceto enquanto uma terceira pessoa, nenhum conhecimento sobre eles exceto enquanto um leitor, nem a mais remota relação privada com eles, pois é impossível ter uma relação com uma imagem duplamente refletida. Da minha parte, uma única palavra pronunciada por mim ou no meu próprio nome seria um presunçoso esquecimento de mim mesmo, esquecimento que, do ponto de vista dialético, torna-me, essencialmente, responsável pelo aniquilamento dos pseudônimos através desta única palavra (KIERKEGAARD, 1992, p. 166).

Neste sentido é irônico que o Kiekergard Johannesco busque colocar o seu interlocutor exatamente no lugar em que não deveria estar, ou seja no esteticismo hiperbólico, valendo-se desta ironia sob o propósito de conduzi-lo à verdade metafísica do absoluto sagrado e da moralidade, remissiva a ironia socrática que como na maiêutica pretendeu encerrar a objetividade da doutrina dos sofistas os conduzindo pela reflexão a de se parearem com as inconsistências de suas próprias premissas e caírem em contradição em seus próprios argumentos que *a priori* se apresentam como convincentes verdades, mas nunca conclusivas, desta forma tanto Kiekergaard quanto Sócrates asseveravam contra o mundo das aparências e pretendiam mostrar a humanidade a verdade, aparência de felicidade verdadeira ou de argumentos verdadeiros.

Por fim, a pseudonímia e a ironia estão sofisticadamente postos em jogo literário em que o leitor é compelido a jogar e gosta.

4. TRÊS ESTÁGIOS DA EXISTÊNCIA

Segundo Kierkegaard o homem de sua atualidade está distante de si mesmo e de seu Deus. Lançado às circunstâncias e em um se refazer constante e ao contrário do delegou Hegel para o dinamarquês o indivíduo pensa, angustia, alegra-se ou desespera; está perante as contingências e se relaciona com o mundo, consigo e com Deus e nisto consiste a síntese. É nessa análise do existir, com preocupações morais e religiosas advindas de traços de sua existência conflitiva e paradoxal que encontramos o centro da filosofia kierkegaardiana, organizada em três aspectos possíveis do viver, este são os estágios, o se vê todo o tempo diante de possibilidades de escolhas e é nestas escolhas que vive seus estágios, as formas de viverem são *locus* da existência denominados por Kierkegaard estágios que não possuem relação hierárquica e nem tão pouco são excludentes, ao contrário, são autônomos.

Dialética da existência que pressupõe saltos e rupturas consoantes as possibilidades de existência humana, bem como, maneiras diversificadas do indivíduo afirmar a vida e diminuir a angústia diante da consciência de finitude e de liberdade (livre arbítrio), na dialética da existência ser um esteta ou um ético é estar vinculado a questões da necessidade, da consciência de finitude, de busca, por sua vez, ser um religioso é estar vinculado como a possibilidade, a infinitude e a eternidade.

Considerando nossa condição humana de lançados a existência conflitiva e dilemática, assim como nossa singularidade nos sentimentos estingados a alargar a discussão acerca da existência. E é assim por sermos conduzidos por este estímulo que o autor confia que nos deparemos com a entrega ao absoluta e confiança em Deus, como respostas a todas as dúvidas.

A mudança de estágio não tem caráter de necessário ou obrigatório são as mudanças que quando ocorrem, não acontecem não é por lógica, mas sim por pura escolha do indivíduo, como forma de concretização da capacidade de tornar-se o que é possível, tem sentido de concretude. Para Kierkegaard a verdade existencial não pode ser comunicada como uma doutrina ou imposição.

4.1. Estético

Este estágio é o lugar em que se encontra o leitor e a sociedade o esteta é movido pelo desejo relaciona-se com mundo pela de busca de satisfação dos seus sentidos. Vive o momento sem nenhuma reflexão sobre si, sua situação, sobre o seu futuro, o indivíduo não pensa nas responsabilidades de suas ações ou na exterioridade superficial que está imerso, o que lhe apraz é a vida dos prazeres e sua intensidade, valoriza mais a possibilidade de concretude do que a realização propriamente dita.

Representado pelo personagem principal do livro; Diário de um Sedutor, o Johannes de Silentio, que é analisado pelo pseudônimo Guilherme, um assessor de justiça que vive na dimensão ética, o modo de vida de Johannes é hedonista centrada no idealismo romântico. Buscando incessantemente o belo e o sofisticado para se contrapor com a dor e ao tédio, necessita de buscar, vive pelo gozo, porém sua satisfação é transitória e ao perder o interesse em seu “objeto” retoma a consciência de sua existência vazia e efêmera, onde ele se vê a deriva das contingências, não tem as rédeas de sua própria vida se colocando como mero expectador.

Estes momentos de vazio podem ser análogos a morte, a dor e o desespero, são as patologias do sedutor. O Personagem é um desdobramento da lendária figura do *Don Juan* como personificação do erotismo. O estágio estético se subdivide em três personagens sinalado nas figuras de:

O Don Juan, com sua sensualidade e o estado primitivo do desenvolvimento moral, o Fausto, com a dúvida, a reflexão e a suspensão da teleologia da moral e o Judeu errante, com o desespero, a repetição e a insubordinação aos mistérios sagrados. A ideia de Don Juan surge das lendas da idade média, período de difusão do cristianismo como representação do mal, pois o cristianismo trazia a valorização crescente do casamento monogâmico, Don Juan, foi inspirado no conquistador “Burlador de Sevilha” representado na opera de Mozart, *Don Giovanni*, Kirkegaard retira o caráter vulgar do Don Juan e substitui pelo requinte, pela intelectualidade e o desinteresse pela posse do corpo, Johannes pretende possuir o espírito e refletir o espírito.

O Fausto, segundo a professora Guiomar de Grammont, há nesta figura, uma confluência de lendas pagãs e cristãs, crenças gnósticas e fábulas, deixando vinculado as “ciências proibidas”, apresenta o filósofo como aquele que debruçou sobre a lenda para entendê-la, por duvidar da veracidade de seu conteúdo e contexto. Contém ainda a sensualidade do Don Juan e o desespero do judeu errante (Ahasverus).

O Judeu Errante, figura como daquele que não reconhece o sagrado, a nega, é condenado por Deus a caminhar sem rumo na eternidade, retomando sempre ao ponto inicial. Seu eterno retorno não é cosmológico, mas moral, exalta a resignação, a esperança de emergir nos desígnios divinos e alcançar a eternidade no absoluto (no “paraíso”), que por sua vez não pode ser alcançado por via da razão, mas sim com a fé.

[...] que espantosa diferença! Sob o céu da estética tudo é leve, belo, fugitivo, mas assim que a ética se mete no assunto tudo se torna duro, anguloso, infinitamente fatigante. Contudo, os esposais não têm, em sentido estrito, a realidade ética de um casamento, apenas devem a sua validade a ex consensu gentium (ao consenso dos povos). Esse equívoco pode-me ser assaz útil. [...] Sempre tive certo respeito pela ética. Nunca fiz qualquer promessa de casamento a uma jovem, nem sequer por descuido; (...) O meu orgulho cavalheiresco despreza as promessas. Desprezo o juiz que arranca a confissão a um delinquente com uma promessa de liberdade. Um tal juiz renuncia à sua força e

ao seu talento. À minha prática acrescenta-se ainda o fato de eu nada desejar que, no mais estrito sentido, não seja dado livremente. [...] eu sou um esteta, um erótico, que apreendeu a natureza do amor, a sua essência, que crê no amor e o conhece a fundo, e apenas me reservo a opinião muito pessoal de que uma aventura galante só dura, quando muito, seis meses, e que tudo chegou ao fim quando se alcançam os últimos favores. Sei tudo isto, mas sei também que o supremo prazer imaginável é ser amado, ser amado acima de tudo. Introduzir-se como um sonho na imaginação de uma jovem é uma arte, sair dela, uma obra-prima. Mas esta depende essencialmente daquela. (KIERKEGAARD, 1974, p. 102-103).

Estas passagens nos fornecem a visão do esteta sendo irônico ao dizer que não se compromete matrimonialmente por ser ele mesmo um respeitador da ética, notamos ele se ocultar a sobra do romantismo e se gabar de sua condição, porém a insuficiência da vida estética vai se revelando dando à luz a possibilidade de transitar para o próximo estágio.

4.2. Ético

Este estágio não se opõe aos prazeres do esteta apenas dá limites aos desejos o que contrasta com o estético onde os desejos é quem ditam as condutas dando ou não limites. O ético faz escolhas livremente e as realiza realizar se possível, nesta dimensão o homem existe no terreno, se orienta pela moral e a elas inclinam sempre suas escolhas, tem-se por aceitação as normas sociais como a lei. Pode ser representado pelo matrimônio, a figura do marido que agora estende sua existência também ao outro, uma forma acabada de alteridade, configurado no pseudônimo Guilherme.

Neste estágio ético não temos uma localização definitiva sendo ele a preparação para o estágio religioso ultrapassado por meio do salto; associado a ideia de culpa e finitude a conduta humana que abandona seus gostos pessoais para pensar o dever universal, estando presentes o amor, a devoção e abstenção. Contudo, ainda neste estágio, há conflito entre o desejo e os deveres, o indivíduo deste estágio exercita sua liberdade de escolha e já não é mais o expectador, sendo que realizar por dignidade faz com que o indivíduo paulatinamente crie sua identidade, ultrapassando por meio do salto que vai além do domínio ordinário para lançar-se no extraordinário que é a fé, o além da razão

4.3. Religioso

É o ponto mais alto onde há a síntese do indivíduo dele para o sagrado, se no estágio ético ainda é possível transgredir a lei dos homens, neste estágio religioso o homem não quer fazer isso. Lugar incompreensível, não está nos domínios da razão, é a relação do indivíduo com Deus; a única forma de viver livre da angústia e do desespero com a certeza de que a

existência material é apenas uma etapa, na qual, ao permitir-se vivenciar o fenômeno da fé e da entrega incondicional aos mistérios divinos e suas designações, ao homem é certa a vida eterna e absoluta do espírito. Utilizando a figura bíblica de Abraão, que ordenado por Deus deveria sacrificar seu filho Isaac, esta passagem dá margem à reflexão da existência de limites entre a fé e a moral.

[...] Os grandes homens serão lembrados, porém, a grandeza de cada um será lembrada pelo que combateu: Porque aquele que lutou contra o mundo, foi grande triunfando do mundo, o que combateu consigo mesmo próprio foi grande pela vitória que alcançou sobre si – mas aquele que lutou contra Deus foi o maior de todos (KIERKEGAARD, 1974, p. 260).

No entanto, o pensador de Copenhague usa desta reflexão para corroborar com a ideia primordial presente em toda sua filosofia; o lugar da fé, pura, absoluta e incondicional. Por isso, Kierkegaard diz que a fé é a experiência do absurdo, nela não cabe critérios racionais, não há mais dúvida que o homem confia inteiramente em Deus, reconcilia consigo e reflete suas ações em conformidade ao plano superior, assim aguarda o cumprimento da promessa de ser lançado a eternidade ao lado de seu Deus. No estágio religioso o sujeito que atingiu a sua individualidade após compreender que pode fazer suas escolhas e lugar de se deixar compelido pela ditadura do desejo ou da doutrinação das aparências se vê implicado pela necessária escolha de uma finalidade maior.

Contudo não pode abandonar completamente elementos dos estágios anteriores já que está se relacionando incessantemente.

5. RUPTURA DE DESESPERO

Ocorre que o projeto filosófico de Kierkegaard é em contraposição ao ideário hegeliano nesta medida enquanto o Hegel propõe ao indivíduo o devir lógico que não prevê rupturas, mas uma mediação que sempre reconcilia os opostos, diferentemente para o dinamarquês a transição existencial, o devir conta com rupturas e estas são essenciais para que haja a síntese.

O homem existe e existindo não tem como não pensar sua existência e isto já é por si só desesperador, ter consciência de sua natureza finita, estar lançado as derradeiras das contingências, estar exposto às relações com a realidade exterior a si; um outro, certificar-se de que não é o produto de uma síntese e que não é acabado o coloca em uma outra situação onde é tudo nulo, suas reflexões interiores de apelo ético lhe desespera pondo-o a buscar um sentido, isso ocorre quando todas suas tentativas de combater o sentimento de angustia e a devastação existencial que ela provoca, fracassaram.

[...] Eis a fórmula que descreve o estado do eu, quando deste se extirpa completamente o desespero: orientando-se para si próprio, querendo

ser ele próprio, o eu mergulho, através da sua própria transparência, até ao poder que o criou. (KIEKERGAARD, 1979, p. 338).

Como o esteta que se cansa de buscar prazeres que logo se desfazem e buscar cada vez mais sem, no entanto, sentir-se de fato satisfeito e com finalidade e ele se desesperar então compreende que precisa movimentar-se, a partir do desespero ele rompe com as coisas que valorizava e com aquele seu próprio “eu”. O desespero não dá lugar a mais angustia ele é de natureza inquietante modificadora, desta forma o desespero é positivo e condição o indivíduo saltar e ir se refazendo no devir.

6. SALTO DE FÉ

Kiekergaard exemplifica o salto de fé pelo exemplo de Abraão, o cavaleiro dá fé; que tem dever para com Deus não pode deixar abalar-se, sua crença fenômeno que não se ludibriaria perante o sagrado, ao ter que obedecer a ordem de Deus de sacrificar seu filho Isaac se vê em um dilema e hesita: o amor cristão ou a vida de seu filho que igualmente ama, desespera; silencia. No mistério compreende que a vida de seu filho é menos importante que a sua fé; que a existência carnal de Isaac também é pertencente ao plano terreno da estética e da aparência.

Concluído isto ele opta por obediente e temeroso seguir seguro a sacrificar seu filho e cumpri o desígnio de seu Deus, é o momento do salto em direção ao que é mais grandioso e eterno: “[...] *Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor*” (Hebreus 12:28-29).

Assim Kiekergaard chega à máxima de sua mensagem, ou seja; como Abraão o verdadeiro cristão deve se pôr a saltar por livre-arbítrio, porém, um salto no escuro. Como Abraão não tinha nenhuma certeza para além da fé, não sabia se conseguiria cumprir a missão de executar o filho; se seria severamente punido pela lei dos homens; não tinha certeza da literalidade do desígnio, se lança no absurdo de suspender teologicamente a experiência das aparências e da ética, este é o caminho legado a nós pelo cavaleiro da fé; desta forma devem viver todos os cristãos verdadeiros como convoca Søren Kierkegaard ao homem de seu tempo e aos do tempo presente.

REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BÍBLIA ON LINE Disponível em: < <https://www.bibliaonline.com.br/acf> >. Acesso em: 6 de maio 2018.

FERREIRA, Jacqueline Leão Jácome. *Either/Or: jogo em Kierkegaard– Kierkegaard em jogo*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

- GARDINER, Patrick. *Kierkegaard*. Tradução de Antônio Carlos Vilela. São Paulo: Edições Loyola, 2001
- GRAMMONT, Guiomar de. *Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard*. Petrópolis, RJ: Catedral das Letras, 2003.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Nova Cultural, 1989. Coleção Os Pensadores.
- JOLIVET, Régis. *Vocabulário de Filosofia*. Tradução: Gerardo Dantas Barretto, Rio de Janeiro: Agir, 1975.
- KIERKEGAARD, Sören Aabye. *Diário de um sedutor*. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.
- _____. *O Conceito de ironia*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. *O Conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. 2ª ed.. Tradução de Álvaro Valls. Bragança Paulista: EDUSE, 2005.
- _____. *Temor e tremor*. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.
- _____. *Desespero Humano: doença até a Morte*. São Paulo, Ed. Abril Cultural, Os Pensadores, 1979. Coleção Os Pensadores.
- SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. *A Existência Ética e religiosa em Kierkegaard: continuidade ou ruptura?* Tese (Doutorado em Filosofia) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2010.